



FERNANDO HENRIQUE conversa com o Papa, com o neto Pedro e dona Ruth ao lado

FHC - viagem

O Papa universal

João Paulo II recebe FH e comitiva no Vaticano

Sergio Fadul* e Gina Azevedo Marques**

• ROMA. A fragilidade da saúde do Papa João Paulo II não o impediu de receber ontem, um dia após a canonização de madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, a comitiva de políticos brasileiros liderada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Em 1997, durante visita ao Rio, o Papa declarou que se Deus era brasileiro, ele era carioca. Ontem, foi a vez de assumir a cidadania gaúcha.

Durante o encontro, no Vaticano, Fernando Henrique apresentou cada um dos integrantes da comitiva. O Papa achou que o governador Esperidião Amin (PPB), de Santa Catarina, onde viveu Madre Paulina, fosse gaúcho. O presidente explicou que Amin era catarinense. Logo em seguida, foi a vez de a jornalista Ana Amélia Lemos, da Rádio Gaúcha, cumprimentar o Papa. Ao apresentá-la, Fernando Henrique avisou a João Paulo II que Ana Amélia, sim, era gaúcha.

O Papa sorriu e disse:

— O Papa é gaúcho...

Ao ouvir a frase, Fernando Henrique perguntou:

— Ué, mas o Papa não é carioca?

— O Papa é carioca, o Papa é gaúcho, o Papa é universal — disse João Paulo II.

Na passagem pelo Rio Grande do Sul, durante uma de suas visitas ao Brasil, o Papa foi saudado pelo povo aos gritos de "Ucho, ucho, ucho, o Papa é gaúcho", daí sua lembrança da palavra que designa os naturais do estado.

A comitiva tinha cerca de 20 pessoas. Enquanto aguardavam o encontro com o Papa, os brasileiros se divertiam mostrando terços que levaram para serem abençoados por João Paulo II e com as histórias de Amin. O governador de Santa Catarina contou que um amigo lhe entregou três terços para que levasse ao Papa. Amin reclamou da quantidade exagerada e o amigo se justificou dizendo que eram para suas três sogras.

Em determinado momento, a segurança do Vaticano teve que chamar a atenção de Amin, para que falasse mais baixo. Com certo estardalhaço, o governador mostrava revistas com fotos de locais por onde madre Paulina passou e morou no estado.

Além de Fernando Henrique, dona Ruth, o neto Pedro Cardoso Zilberstajn e Amin, estavam na comitiva o presidente do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), acompanhado pela mulher, Fairte, o governador de São Paulo,

Geraldo Alckmin (PSDB), com a mulher, Maria Lúcia, e o presidente da Câmara, Aécio Neves, entre outros. Todas as mulheres usaram véus.

O primeiro a entrar foi Fernando Henrique, que ficou por cerca de 15 minutos sozinho com o Papa.

— Já conversei com o Papa várias vezes e devo dizer que, pelo menos esta manhã, ele mantinha a conversação com certa naturalidade. Embora se perceba que é uma pessoa sofrida, ele falou de seus planos, que vai viajar para a Bulgária e para o Azerbaijão. Perguntei se ele voltaria ao Brasil e ele respondeu evasivamente. Claro que se percebe que é uma pessoa que está fazendo um certo esforço, mas imaginava que ele estivesse com mais dificuldade de conversar. Continua falando português bem, inclusive o famoso teste mão, pão, cão, que é o mais difícil, ele pronuncia bastante bem — contou Fernando Henrique.

O presidente deu de presente ao Papa uma escultura da primeira santa do Brasil, madre Paulina, acompanhada de uma criança, feita em madeira por um artesão do programa Comunidade Solidária, dirigido por dona Ruth.

Amin também quis mostrar ao Papa as revistas com as fotos de lugares por onde passou madre Paulina. Percebendo uma certa dificuldade do governador de explicar as imagens, Fernando Henrique o ajudou, avisando que poderia falar em português mesmo porque João Paulo II entenderia.

Após o encontro, Fernando Henrique se reuniu com o secretário de Estado do Vaticano, cardeal Ângelo Sodano. Segundo o presidente, a conversa com o secretário foi bem mais longa do que com o Papa:

— Fizemos uma análise geral do que está acontecendo no mundo, nas relações internacionais. Falamos bastante sobre a situação de Israel, dos palestinos. A posição dele é clara no sentido da formação de um Estado palestino, da necessidade de apoiar a formação de um Estado palestino, da necessidade de um diálogo entre as culturas do islã e do catolicismo. Ele perguntou sobre a Argentina e lhe dei as respostas habituais da crença que nós temos de que é possível a situação na Argentina melhorar. Conversamos sobre a necessidade de que haja um esforço grande para evitar o maniqueísmo, o bem e o mal.

(*) Enviado especial

(**) Correspondente